

issn: 2176-5960



Προμηθεύς
journal of philosophy



N. 43 September December 2023

ASPÁSIA, A SOFISTA: ELOGIO ÀS LEOAS POLÍTICAS

Raquel Wachtler Pandolpho

Universidade Federal de Sergipe

Resumo: Anacrônicos espectros aspasianos condensam-se na figura incerta da estrangeira jônia que enfeitiçou e conduziu, inclusive e, sobretudo, politicamente, o primeiro dos cidadãos atenienses, de longe o mais influente estadista de sua época. Quem realmente foi Aspásia de Mileto? É possível esculpir uma imagem desta mestra da persuasão que não se reduza ao engessado rótulo de concubina de Péricles? É possível escapar deste lugar de coadjuvante estabelecido pela doxografia aspasiana clássica? O presente artigo apresenta Aspásia como sofista ao resgatar a lembrança de sua estrangeira força persuasiva, a memória de seu indomesticável poder oratório e de sua sedutora perspicácia intelectual. Uma mulher que possuía enorme desempenho em produzir orações fúnebres, aconselhar sobre matrimônio e outros assuntos da οἶκος, além de discutir importantes questões políticas no círculo intelectual mais famoso da época. Aspásia ousou ser professora e até mesmo educar outras mulheres. Por vezes servindo também como casamenteira destas que educou. O local de educação promovido por Aspásia, espaço que provavelmente privilegiava o ensino de artes oratórias e eróticas, é lembrado de forma completamente heterodoxa. A memória do lugar como polêmico bordel confunde-se e mistura-se com aquela que o rememora como ambiente de discussões político-filosóficas. No intuito de redesenhar o legado de Aspásia, evidenciando a presença revolucionária desta mulher que se infiltrou criativamente na história da oratória e reivindicou seu lugar enquanto livre pensadora, revisito várias imagens femininas da Antiguidade que foram associadas ao poder político aspasiano. Localizar Aspásia de Mileto entre Omphale, Hera e Helena, entre Rodogine, Telesilla, Tômiris e Targélia. Todas elas, leoas políticas. Sejam míticas ou reais, sejam gregas ou estrangeiras. Influenciaram direta e indiretamente a história política, oratória, artística e filosófica do que convencionalmente entende-se por mundo antigo.

Palavras-chave: Aspásia de Mileto; Sofística; Oratória; Política; Filosofia.

Abstract: Anachronistic Aspasian specters condense themselves into the uncertain figure of the Ionian foreigner who enchanted and conducted, particularly and, above all, politically, the foremost Athenian citizen, by far the most influential statesman of his time. Who truly was Aspasia of Miletus? Is it possible to craft an image of this mistress of persuasion that is not reduced to the rigid label of Pericles' concubine? Is it possible to escape this side role established by the classic Aspasian doxography? This article presents Aspasia as a sophist by retrieving the memory of her foreigner persuasive strength, the memory of her untamable oratory power and her seductive intellectual acumen. A woman who excelled in producing

funeral orations, giving marriage advices and other matters of the οἶκος, besides discussing relevant political issues in the most famous intellectual circle at the time. Aspasia dared to be a teacher and even to educate other women. Sometimes also serving as a matchmaker for those she educated. The educational space promoted by Aspasia, which likely privileged teaching the oratory and erotic arts, is remembered in a completely heterodox manner. The memory of the place as a polemic brothel gets confused and mixed with that which recalls it as a place of political-philosophical discussions. With the intention of reshaping Aspasia's legacy, highlighting the revolutionary presence of this woman who has creatively infiltrated herself into the history of oratory and claimed her place as a freethinker, I revisit various female images of the antiquity that were associated to the Aspasian political power. Placing Aspasia of Miletus among Omphale, Hera and Helena, among Rodogine, Telesilla, Tomyris and Thargelia. All of them, political lionesses. Whether mythical or real, Greek or foreigners. They have influenced directly and indirectly to the political, oratory, artistic and philosophical history of what is conventionally understood as the ancient world.

Key-words: Aspasia of Miletus; Sophistry; Oratory; Politics; Philosophy.

“Górgias nos parece mais hábil, ao aconselhar que não a forma, mas a fama da mulher deveria ser conhecida por muitos.”¹

PLUTARCO, *Moralia*.

Anacrônicos espectros aspasianos condensam-se na figura incerta da estrangeira jônia que enfeitiçou e conduziu, inclusive e, sobretudo, politicamente, o primeiro dos cidadãos atenienses, de longe o mais influente estadista de sua época. Mas quem foi Aspásia de Mileto? Seu nome, rememorado sempre à sombra de Péricles², por vezes é capaz de despertar a curiosidade por essa intrigante presença intelectual que foi uma das mulheres mais famosas na Grécia Clássica.³ Não obstante a fama que paira sobre seu nome, Aspásia é uma fantasma. Suas aparições nos livros da filosofia são, quando ocorrem, totalmente sumárias. Mesmo na bibliografia dos cursos superiores de filosofia ou nas disciplinas específicas de oratória, pouco se diz sobre as heranças aspasianas ou

¹ Optei por esta tradução que brinca com a sonoridade das palavras fama-forma como aquela que melhor preserva o estilo de Górgias. Embora a dupla beleza-reputação seja uma tradução mais literal das palavras em grego usadas e é assim que elas aparecem em Diels e Kranz (82 B 22 DK, 2006, p.1661)

² Em *Quem foi quem na Grécia Antiga* a definição de ASPÁSIA é: “esposa de Péricles, a partir de 450/455 a.C.” (BOWDER, 1982, p.81). Manter Aspásia à sombra de Péricles é habitual até nas pesquisas que mencionam a potência política aspasiana, pois estas acabam reduzindo-a a sua parceria amorosa, como podemos notar já no título do artigo de Spinelli – *Duas mulheres de Atenas: Aspásia, a companheira de Péricles, e Xantipa, a de Sócrates* (2017).

³ “Aspásie: sans doute la plus célèbre de toutes les femmes de l'époque classique.” (LORAU, 2001, p.1)

outras mulheres na história da persuasão.⁴ Em consequência, raramente Aspásia é estudada de forma séria⁵ ou o seu pensamento é debatido de maneira aprofundada.

Entretanto, pensadoras e pensadores contemporâneos, por meio de pesquisas inovadoras das heranças de Aspásia, demonstraram que não somente é possível estudar a filosofia aspásiana e sua polêmica influência política – notadamente nos anos da democracia ateniense que, mais tarde, ficaram conhecidos como o século de Péricles – como também comprovaram, por meio da apropriação criativa, deslocamentos teóricos e diálogo crítico com as fontes da doxografia, a urgência da tarefa de resgatar o legado aspásiano⁶ neste processo de reclamação dos espaços ocupados pelas mulheres na história da oratória, desde a sua alvorada.⁷ Destaco aqui, em especial, o trabalho do professor José Solana Dueso, de 1994, que reuniu os testemunhos e discursos de Aspásia, levando a sério a notícia platônica inscrita no *Menêxeno* que anuncia certa autoria aspásiana, através de uma técnica de bricolagens, em duas orações fúnebres.⁸

O pesquisador aragonês mostra – através de importantes testemunhos intelectuais sobre a influência aspásiana no campo filosófico, oratório e político – que existem provas suficientes para afirmar que Aspásia ensinou oratória com excelência a, pelo menos, seus dois maridos (Péricles e Lísicles). Além de possuir vários nomes

⁴ “Until most recently, we had not even thought of looking for a woman in rhetoric. It had already been assumed, a priori, that no woman participated in the rhetorical tradition. We had been willing to believe the tautology that no women have been involved in rhetorical history because not a single rhetorical treatise by a woman appears in lists of primary works and because not a single woman appears in the indices of the most comprehensive histories of Western rhetoric.” (GLENN, 1994, p.194)

⁵ “The treatment afforded Aspasia illustrates several of the techniques used by scholars to obscure the influence of women in rhetorical theory. The most telling lies in the use of humor: the claim that other people were joking whenever they said anything positive about her.” (CARLSON, 1994, p.39).

⁶ “That Aspasia existed is of profound importance for the project of recovering women in the history of rhetoric...” (JARRATT & ONG, 1995, p.10)

⁷ Sobre o legado aspásiano em geral: Dueso (1994, 2008), Henry (1995), Ferrándiz (2011), Castro (2018), Andrade (2019, 2022), Araújo & Ximenes (2020); Sobre a maestria de Aspásia: Carlson (1994), Glenn (1997), Giombini (2003), Pisano (2015); Sobre a parceria de Aspásia e Péricles: Landor (1871), Medem (2012), Spinelli (2017); Sobre a Aspásia de Plutarco: Cataldi (2011) e Sapere (2016); Sobre Aspásia no *Menêxeno*: Murillo (1971), Salkever (1993), Adamson (2020); Sobre o diálogo *Aspásia* de Ésquines: Kahn (1994), Mársico (2014, 2017), Pentassuglio (2020); Embora existam pesquisas aspásianas relevantes que são mais antigas, como aquela de Natorp (1892) estudando *Aspásia* de Ésquines. Sobre Aspásia e Diótima existem dois artigos em português da historiadora Thirzá Amaral Berquó (2016) em *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia* e os dois capítulos do livro *A History of Women Philosophers: Ancient Women Philosophers 600 BC-500 AD* de Waithe (1987) que aproximam Aspásia de Diótima enquanto casos atípicos de mulheres intelectuais que aparecem representadas nos diálogos de Platão. Mais raros são os estudos que tratam do processo de Aspásia, como o feito por Mori (2016) ou os que abordam sua posição enquanto estrangeira, como de Jarratt & Ong (1995) e de Loraux (2001).

⁸ “En la noticia platónica, hay tres aspectos a considerar: Que Aspasia era experta en retórica, que fue maestra de Pericles y otros, y que es autora de los dos epitafios....” (DUESO, 1994, p.17)

ilustres em Atenas entre seus alunos, como Sócrates, Fídias, Alcibiades e outros mais.⁹ Dueso – considerando algumas fontes do teatro, por exemplo, a obra *Medeia* de Eurípides e as peças de Aristófanes, também textos de filósofos, como os dois diálogos *Aspásia* de Ésquines e Antístenes, bem como o *Menêxeno* de Platão – chega a associar a presença política de Aspásia aos movimentos emancipatórios das mulheres que teriam ocorrido em Atenas entre 431 à 384 antes da Era Comum¹⁰ A partir destes deslocamentos, é possível esculpir uma imagem desta mestra da persuasão que não se reduza ao engessado rótulo de concubina de Péricles? É possível escapar deste lugar de coadjuvante há muito estabelecido pela doxografia aspásiana clássica?

Colocar Aspásia à sombra de Péricles é um aspecto partilhado por diversos representantes de sua relevante doxografia, sejam eles verdadeiros doxógrafos¹¹, comediógrafos ou filósofos. Contudo, ainda que, muitas vezes, metamorfoseando a intenção daqueles que escreveram e inscreveram Aspásia ali, nestes fragmentos permanece viva a memória do indomesticável poder oratório aspásiano, a lembrança de sua estrangeira força persuasiva, de sua sedutora perspicácia intelectual. Uma mulher que possuía enorme desempenho em produzir orações fúnebres, aconselhar sobre matrimônio e outros assuntos da *oikia*; incidir sobre questões políticas – como as guerras¹² – e educar outras mulheres (estrangeiras e atenienses), por vezes agindo também como casamenteira das jovens que educava. Laboriosa tarefa esta de apresentar a impetuosa milésia, uma mulher que se infiltrou criativamente na história da oratória, reivindicando seu lugar enquanto livre pensadora e mestra em diversos assuntos.

⁹ “A escola de retórica que Aspásia abriu em Atenas não fez mais que prosperar. Além de Péricles e de Sócrates, também o jovem Alcibiades nela tirou lições e, inclusive, Fídias, o mais extraordinário escultor e arquiteto da era Péricles...” (SPINELLI, 2017, p.259)

¹⁰ Dueso chega a três conclusões: “[primero] existió un movimiento emancipatorio entre las mujeres atenienses; segundo, que tal movimiento tuvo actualidad y vigencia al menos desde el 431 (representación de *Medea*) hasta 385 (393 representación de las *Asambleístas*; 386 composición del *Menêxeno* de Platón y, por las mismas fechas, los diálogos titulados *Aspasia* de Esquines y Antístenes), y, tercero, que tal movimiento no afectó sólo a sectores aislados de la población femenina, sino a las mujeres libres en general.” (DUESO, 1994, p.61)

¹¹ “Não se diz que Platão seja um doxógrafo, assim como não se diz que Aristóteles ou Sexto Empírico o sejam, ainda que haja doxografia em suas obras. Em contrapartida, há certo número de autores que são qualificados tradicionalmente de doxógrafos;” (CASSIN, 2017, p.25)

¹² “Lorsqu’on ne se limite pas à des généralités sur Aspasié inspiratrice de la politique culturelle de Périclès, ce sont des guerres que l’on évoque: ainsi, Aristophane n’innove pas vraiment en faisant d’elle la cause de la guerre du Péloponnèse puisque la Milésienne passait déjà pour avoir, par ses prières, incité Périclès à l’expédition navale contre Samos, [...] à en croire du moins Plutarque qui profite de l’apparition d’Aspasié dans son récit pour consacrer un chapitre à cette puissante enchanteresse. Aspasié fut-elle donc fauteuse de guerre ? [...] comment ne pas reconnaître dans ces affirmations le *topos* de la guerre à cause d’une femme, auquel Hélène prête généralement son nom?” (LORAUX, 2001, p.11)

Assim como Safo fez em Lesbos, Aspásia ousou ser professora de outras mulheres em Atenas.¹³ O ambiente de educação promovido por Aspásia, espaço que provavelmente privilegiava o ensino de artes oratório-eróticas, é lembrado de forma completamente heterodoxa.¹⁴ A memória do lugar como um prostíbulo culto confunde-se e mistura-se com aquela que o rememora como um local de discussões político-filosóficas, ou seja, é um espaço lembrado, simultaneamente, como um polêmico salão de encontros e como o ambiente de discussões do círculo político-intelectual mais famoso da época.¹⁵ Observa-se aí a primeira, talvez a principal, ambiguidade que marca a figura de Aspásia. Por um lado, a perspicaz intelectual e influente parceira de um respeitado estadista, por outro, a vulgar concubina, cortesã de luxo, alcoviteira e proprietária de um bordel muito bem frequentado.¹⁶

Muitos trabalharam em silenciar o legado de Aspásia como mestra da persuasão, sofista e filósofa, mas se os boatos sobre seu prostíbulo são o suficiente para não duvidar de sua reputação como *hetaira*, como prostituta, como cafetina, alcoviteira ou concubina, os boatos doxográficos sobre sua poderosa influência no círculo de Péricles

¹³ “Safo de Mitilene y su escuela no son una excepción más que en lo que toca al talento de la poetisa y no en cuanto grupo social, teniendo presente que se conocen los nombres de Andrómeda y Gorgo como sus competidoras profesionales. Se sabe que a casa de Safo venían mujeres jóvenes de ciudades alejadas y que, tras un tiempo, partían a su lugar de origen, lo que significa que buscaban algún tipo de aprendizaje. Lo cierto es que Aspasia, no solo era una mujer culta, sino que probablemente regentó en Atenas alguna casa de educación femenina.” (DUESO, 1994, p.14); “O que de fato Aspásia fez, além de criar em sua casa uma bem sucedida escola filosófica de retórica, foi transformá-la num ambiente de acolhimento e de arrimo para as mulheres, que, a exemplo dela, viviam na solidão e no exílio no contexto de uma polis de mulheres 'livres' somente enquanto reclusas.” (SPINELLI, 2017, p.265)

¹⁴ Como nota Castro, tal juízo de valor sobre este ambiente promovido por Aspásia foi imputado à doxografia aspasiânica pelo testemunho aristofânico: “[...] el testimonio aristofánico transmite un juicio de valor importante en la tradición doxográfica. En *Acarnienses* el comediógrafo sugiere que Aspasia regentaba una casa de heteras en Atenas, al relatar que los megarenses, en retaliación por el rapto de una prostituta local llevado a cabo por unos jóvenes borrachos, raptan ‘dos putas de Aspasia (Ἀσπασίας πόρνα δύο)’.” (CASTRO, 2018, p.22)

¹⁵ “Aspasia opened an academy for young women of good families (or a school for hetaerae, according to some sources) that soon became a popular salon for the most influential men of the day: Socrates, Anaxagoras, Sophocles, Phidias, and Pericles.” (GLENN, 1994, p.194)

¹⁶ Algumas leituras atropelam e negligenciam essa delicada ambiguidade aspasiânica ao negar o estatuto de Aspásia como cortesã para afirmar sua autoria dos elogios fúnebres, como se uma ocupação automaticamente excluísse a outra. É impossível que Aspásia tenha proclamado oficialmente uma oração fúnebre, mas é defensável que ela seja logógrafa das orações de Péricles (guerra do Peloponeso e guerra Sâmia) e também daquela imortalizada no diálogo *Menéxeno* pela voz de Sócrates, como sustenta Dueso (1994 e 2008). Dado que defendo, na esteira de Dueso, tanto a autoria aspasiânica dos *epitáphioi* como a figura de Aspásia enquanto perspicaz *hetaira*-sofista, uma prostituta do saber muito dedicada a suas produções retórico-eróticas, discordo da leitura que pode ser encontrada, por exemplo, no artigo de Spinelli: “Aspásia também se celebrizou em Atenas pelos discursos fúnebres que proferia. Trata-se de um dado importante na medida em que ela não haveria, nessa condição, de ter se celebrizado caso fosse uma mera, mesmo que sofisticada, cortesã. [...] A qualidade do orador contratado dependia sempre da riqueza e do status familiar e político do falecido, de modo que, quanto maior a sua nobreza, mais afamado o orador. Aqui mais uma vez fica evidente que a família de um nobre e ilustre cidadão grego jamais iria contratar uma cortesã, mesmo que de luxo, para fazer o panegírico do morto.” (SPINELLI, 2017, p.269)

e sobre sua maestria oratória, sofisticada e filosófica também devem bastar para ninguém mais questionar seu legado enquanto leoa política, sofista e filósofa.¹⁷ Estou propositalmente ignorando aqui as distinções entre *pornai* e *hetarai*¹⁸ para frisar que Aspásia transitando, transando, transgrediu subvertendo a hierarquia que subdividia as mulheres atenienses¹⁹ (esposa / concubina / *hetaira* / prostituta). Ao lado de Péricles, ela era sua parceira amada, vivendo como sua esposa, mas com a liberdade de *hetaira*.²⁰ O povo ateniense a via polemicamente como concubina que foi escolhida por Péricles enquanto parceira mesmo não podendo ser legalmente sua esposa (por ser estrangeira). Entre vários intelectuais foi lida como *hetaira* e no palco cômico foi colocada entre as *pornai*. Contudo, cabe destacar algumas especificidades a respeito das *hetairai*.

Uma das maneiras de contar uma história mais tagarela e selvagem da persuasão, uma narrativa mais sofisticada da sofística, é tomar como ponto de partida Aspásia de Mileto, mestra da logografia e da oratória. Neste caso, trata-se de partir também do que chamo de o círculo das *hetairai*-sofistas, presenças femininas a defrontar as lacunas canônicas que marginalizam as mulheres e seus legados em todas as áreas do saber. Se o banquete pode ser compreendido enquanto um ambiente de educação oratória-erótica e de debate político e se a *hetaira* é uma estrangeira culta que ocupa relevante posição nesses banquetes, então seria possível ler, a partir do legado sofisticado de Aspásia, as *hetairai* como sofistas mulheres? É oportuno dizer que as *hetairai* não só participavam, mas organizavam simpósios. Gnathaena, por exemplo, foi

¹⁷ “Quando si dispone di poche fonti come nel caso di Aspasia, si deve fare un ‘atto di fede’, si deve avere fiducia, cioè, che quello che la tradizione ha tramandato corrisponda, almeno nella sua maggior parte, a verità. Si è creduto e si crede alla sua attività di etera sulla base di alcuni indizi e non si prendono con il dovuto interesse informazioni tramandate unanimemente, come quelle secondo cui fu una grande retore e anche una esperta di politica e di filosofia.” (GIOMBINI, 2003, p.12)

¹⁸ “Il importe tout d’abord d’établir une distinction tranchée entre la porne, la prostituée, et l’hétaïre, la « compagne », souvent de haut vol, raffinée et cultivée, que les hommes fréquentent aussi (ou surtout ?) pour son élégance et son esprit, un esprit que les épouses légitimes n’ont pas ou, du moins, doivent bien se garder d’avoir. Si vraiment on veut ranger Aspasia dans cette catégorie, on admettra que, sans être pour autant prostituée ni tenancière de maison close, elle peut avoir été hétéraïre lorsque Périclès la rencontre. En effet, [...] à Athènes plus peut-être qu’ailleurs, l’image de la femme est clivée entre la figure de l’épouse, mère des enfants légitimes, dépourvue de toute autonomie personnelle comme de toute personnalité juridique, et que l’orthodoxie des représentations civiques veut la plus ignorante possible, et celle de la courtisane, toujours disponible, experte aux plaisirs de l’amour, intelligente et de bon conseil.” (LORAU, 2001, p.8)

¹⁹ “As heteras nós as temos para o prazer, as concubinas para o cuidado diário do corpo, mas as esposas para que tenham filhos legítimos e mantenham a guarda fiel da casa.” (APOLODORO. [Demóstenes] *Contra Neera*, 59.122, 2013)

²⁰ Pisano nota que as *hetairai* desfrutavam de certa liberdade de discursar, vetada a outras mulheres, nos banquetes: “Se alla moglie e cittadina è vietato comporre e pronunciare discorsi, l’etèra, pur non avendo accesso al Consiglio e all’Assemblea, ha la possibilità di far sentire la sua voce entro un contesto preciso, quello appunto cui il suo nome (ἑταίρα) strettamente la lega: il « banchetto politico degli hetairoi » o simposio.” (PISANO, 2015, p.195)

uma *hetaira* do séc. IV antes da Era Comum invejada por agenciar simpósios opulentos e conversas espirituosas, ela controlava suas próprias finanças e organizava banquetes que contavam com a presença das pessoas mais prestigiadas de Atenas daquela época.²¹

Para ter certeza de que suas festas entrariam para a história como as mais bem-sucedidas, Gnathaena escreveu um código de conduta para boas maneiras em seus simpósios chamado *Regras para jantar em companhia*. Além dos fragmentos do manual erótico sobre os prazeres amorosos escrito por Filênis²² e da poesia da *hetaira* Laís²³, textículos preservados na Antologia Grega, sabe-se que Gnathaena escreveu uma obra sobre a etiqueta simposista e que Aspásia era logógrafa de Péricles. Ou seja, as *hetairai*-sofistas utilizavam amplamente a escrita para expressão de suas ideias e exercício das artes erótico-persuasivas em que eram versadas. Contudo, por infortúnio androcêntrico, seus escritos nos chegam de maneira fragmentária e indireta. Daí a importância da doxografia para pesquisar as acompanhantes. Ademais, as *hetairai* são lembradas por propagarem artes estrangeiras de sedução e rituais de necromancia.²⁴ Frequentando cemitérios, realizando ritos e orgias, praticando e ensinando procedimentos necromânticos, seduzindo, enfeitando e conduzindo nos banquetes por meio dos sons (dos instrumentos em que eram versadas ou através de suas vozes), as *hetairai*-sofistas parecem bastante próximas da sedutora feitiçaria sofisticada.

Afirmar a existência das *hetairai*-sofistas é uma necessária extrapolação que apoia-se principalmente em Aspásia como mestra no intuito de defrontar esta lacuna canônica que subestima o papel didático, filosófico, político e intelectual das mulheres na história da oratória e da sofística. Na ambígua imagem de Aspásia rememorada pela

²¹ Sobre os banquetes Gnathaena cabe ver o Livro XIII do *Banquete dos Eruditos* de Ateneu (2014).

²² “A transformação de Filênis – de bela jovem e cortesã que era à alcoviteira, muito entendida, agora, dos enlances amorosos, coadunase com os diversos testemunhos antigos que nos chegaram a seu respeito, como Luciano (DMeretr., 6, 1), Ateneu (8, 13), Clemente de Alexandria (Protr., 4, 61, 2-3), etc. que nos informam que Filênis fora tratadista, autora de manual erótico, um *Περὶ Ἀφροδισίων* (Dos prazeres amorosos), no século IV a.C.5 Clemente alude às ‘posições’ descritas por Filênis (*ἐγγραφόμενοι τὰ Φυλαίνιδος σχήματα*); nesse sentido, já que *σχήματα* faz alusão, além das posições, às próprias figuras, pode-se imaginar que o suposto tratado era também ilustrado.” (AGNOLON, 2013, p.56-7)

²³ “Eu, a orgulhosa que ria da Hélade, que um dia tive / um enxame de jovens amantes à soleira de minha porta, Laís, / para a Páfia dedico o espelho, pois como agora sou / não desejo me ver, e como era antes não sou mais capaz de me ver.” (PLATÃO. *Antologia Grega*, Livro VI.1, 2019, p.106)

²⁴ “Os cultos noturnos introduzidos pelos frígios, [...] eram rituais considerados infames, libidinosos, praticados pelas *hetairas* e cortesãs. A consideração nos remete à tradição de se atribuir às mulheres as ações mágicas como no caso de Circe, Medeia e Samanta. [...] A documentação literária nos apresenta mulheres estrangeiras como praticantes da magia das ervas e raízes e iniciadas nos cultos de mistério. Algumas detinham a capacidade de evocar os mortos por meio da manipulação de seus corpos. A prática denominava-se *nekromancia*, como nos leva a concluir o processo contra Frinea de Téspis, Nino e Theoris de Lemnos.” (CÂNDIDO, 2017, p.20-2).

doxografia, existe um aspecto que a distancia bastante de outras influentes *hetairai*: Aspásia não foi recordada por sua aparência. Nisso ela se distingue também de Targélia – com quem foi muito comparada²⁵ – e de outras célebres concubinas cuja memória dos nomes se confunde sempre com a recordação da beleza física. A rostidade de Aspásia foi esquecida. Bem mais significativa é a amnésia coletiva que paira sobre sua filosofia. É intrigante constatar que mesmo sendo recordada como a glamorosa mulher que seduziu Péricles, pouco ou quase nada foi dito sobre sua aparência. Talvez porque a feitiçaria sofisticada de Aspásia era puramente oratória e sua estrangeira força persuasiva provinha de sua intelectualidade²⁶, fonte única de sua potência erótica.

Apenas uma “herma” anacrônica com a inscrição de seu nome é o que chega como legado de sua imagem física.²⁷ Portanto, cabe a tentativa de criar outra escultura anacrônica desta sofista milésia. Não esculpida em pedra, como aquela há pouco mencionada, mas uma que seja feita sobrepondo imagens de mulheres que há séculos são associadas, por vários intelectuais, ao poder aspásiano. Localizando Aspásia entre Omphale, Dejanira, Hera e Helena, entre Rodogine e Targélia, todas elas leas políticas, intento subverter o sentido com que estas comparações foram feitas pelas fontes

²⁵ O primeiro texto a comparar Targélia e Aspásia parece ter sido o diálogo *Aspásia* de Ésquines. O socrático apropriou-se do retrato de Targélia feito pelo sofista Hípias, das imagens de Aspásia da comédia e provavelmente inventou Rodogine, conforme análise deste diálogo feita por Kahn: “What we can say is that Aeschines has taken the figures of Aspasia and Lysicles from comedy, Thargelia from Hippias, and Rhodogyne apparently from his own imagination...” (KAHN, 1994, p.99). Esta tríade de potência erótico-político feminina (Targélia, Aspásia, Rodogine) se repete em Filóstrato (Targélia e Aspásia em *Epistulae* 73, SSR VI A.65 = 82 A 35 DK, 2006, p.1613 e Rodogine em *Imágenes*, II.5, SSR, VI.A.63 In: MÁRSICO, 2014, p.397-8). A comparação entre Aspásia e Targélia também aparece em Plutarco (*Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*, 24.3-4, 2010) e em Luciano de Samósata, na obra *O Eunuco*, Aspásia e Targélia são postas ao lado de Diotima na categoria de filósofas: “[...] falando com voz fina e feminina, disse que Diocles não tinha razão, ao [pretender] afastar um eunuco da Filosofia, que está aberta até às mulheres. E mencionou em sua defesa [os nomes de] Aspásia, Diotima, Targélia bem como um certo acadêmico de origem celta que era eunuco, e ainda há pouco tempo muito apreciado pelos Gregos.” (LUCIANO DE SAMÓSATA. *O Eunuco* - 7. Tomo VIII, 2012)

²⁶ “Há quem afirme que Aspásia conquistou o apreço de Péricles pela inteligência e capacidade política de que era dotada.” (PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*, 24.5, 2010)

²⁷ “Como era? que extraños encantos le permitieron levantarse sobre la tradicion y vencer? Lo que llama poderosamente la atención es que ningún texto, sean los de Platón, Jenofonte, Plutarco, o los de los literatos que la criticaron, hace mención alguna a que poseyera belleza física. Por el contrario, se insiste reiteradamente en su seducción e inteligencia. Plutarco en especial, cuando la compara con Thargelia, habla insistentemente de la belleza de aquella, en tanto que insiste en los encantos espirituales de Aspasia y en su facilidad para cautivar a los amigos con su ingenio y sagacidad; por su sólida cultura y su fácil expresión. (MURILLO, 1971, p.216); “Qué aspecto físico tendría Aspasia? ¿Cómo sería su rostro? Las preguntas no han tenido nunca una respuesta. [...] Hay muchos bustos y estatuas completas de mujeres pero nunca hemos podido saber a quiénes representan porque nunca aparece ningún nombre propio. Sin embargo en 1777 apareció en Italia un busto con un nombre escrito debajo: Aspasia. Se trata de una ‘herma’, un pilar cuadrangular, que actualmente se conserva en el Museo del Vaticano (inv. 272). La cabeza es redondeada y cubierta con un velo que deja ver una cabellera cuidadosamente peinada con bucles lacios, separados por rayas regulares.” (FERRÁNDIZ, 2011, p.19)

tradicionais da doxografia aspásiana.²⁸ Uma vez que os retratos pintados pela doxografia se limitam às opiniões escritas pelas pessoas decentes²⁹, esse movimento de subversão não é charme teórico, mas necessidade metodológica. Invisto nas comparações do poder aspásiano com outras leas políticas, mostrando como estas mulheres incomodaram ao interceptar a história daquilo que é convencionalmente chamado “mundo grego”.

No centro do mosaico que representa os doze trabalhos de Hércules encontra-se uma imagem de Omphale, tirânica leoa.³⁰ Aquela que escravizou o mais viril dos viris e o submeteu ao mais difícil dos doze trabalhos: cuidar dos filhos, da casa, fazer as roupas e cozinhar. Enfim, o obrigou a fazer tudo o que seria considerado “trabalho de mulher”. Omphale, inclusive, impôs a Hércules que usasse vestidos³¹. Enquanto que ela, por sua vez, em transgressora alegria vestia a pele de leão de Hércules. Na língua afiada da comédia, Aspásia foi comparada à Hera, por sua tirania e por seus “olhos de cadela”, também à Helena, sendo ambas consideradas causas de guerras³², e foi chamada de

²⁸ “Nas comédias, ela aparece como uma nova Ônfale, Dejanira e como Hera. Cratino chama-lhe directamente concubina nestes versos: ‘A Sem-Vergonhice dá à luz esta Hera, Aspásia, uma concubina de olhos de cadela’.” (PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*, 24.9, 2010 = 259 K-A, 1983, p.254); Sobre a caracterização de mulheres como cadelas, vale lembrar Clitemnestra. Comentando um trecho de Electra em *Banhos de sangue femininos* Coelho observa que: “[...] a busca por um nome para designar Clitemnestra - 'cadela', 'monstro', 'Cila', 'bicéfala víbora', 'imoladora', 'a insolente' - parece acentuar que a definição se alarga para designar o próprio gênero.” (COELHO, 2014, p.197)

²⁹ Cassin discute a noção de doxografia chamando a atenção para este aspecto “decente” da etimologia de *dóxa*: “uma 'opinião verdadeira', [...] opinião daqueles de quem se tem uma boa opinião, a opinião das pessoas decentes...” (CASSIN, 2017, p.19)

³⁰ Em anexo no fim do artigo: *Mosaico de los trabajos de Hércules* (Cultura Romana). Criado entre 201 - 300. Número de inventário: 38315BIS. Coleção estável do Museo Arqueológico Nacional. Disponível em: <File:Museo Arqueológico Nacional - 38315BIS - Mosaico de los trabajos de Hércules 01.jpg>

³¹ Sobre o tema Hércules-Omphale, recomendo a leitura do artigo *Herakles: The Super-Male and the Feminine* de Loraux em *Before Sexuality: the Construction of Erotic Experience in the Ancient Greek World* (1990). Desta excelente pesquisa realizada pela historiadora francesa, destaco uma passagem em que ela lista vários aspectos constituintes do elemento feminino essencial à virilidade de Hércules: “As Omphale's slave, Herakles exchanges clothing with his mistress. She wears the lion's skin and carries the club; he spins wool, wearing the saffron tunic appropriate to women, the krokotos. On Kos, the hero wore a flowered dress for his wedding, and his priest added to this feminine attire the ribbon around his hair, the mitra. Whether or not (like the historians of religion) they simply conflated the two episodes, the Roman poets mention the mitra in their descriptions of Herakles in the palace of Omphale, and provide the further information that all of these events took place to the accompaniment of the oriental, effeminate sound of the tambourine. Let us consider this list: krokotos, flowered dress, mitra. The krokotos is essentially feminine (or, from its origin, barbarian). The decorated dress is normally reserved for women, and only the pursuit of certain clearly defined professions (or the performance of certain activities) can give men a right to it. The mitra also belongs to feminine or barbarian finery and is explicitly a Lydian invention, having been imported from that land of luxury and ease over which Omphale ruled.[...] Historians of religion and anthropologists of Greece have suggested many explanations in the course of their attempts to understand these instances of transvestism.” (LORAUX, 1990, p.36)

³² “Es curioso que [...] se señala a Aspasia como causante de una guerra [...] lo que tiene aspecto de tópos literario, recordemos el caso de Helena de Troya, por ejemplo;” (SAPERRE, 2016, p.4)

*Omphaletyrannon*³³, escravizando Péricles-Héacles. Desta última analogia surge a figura de Aspásia como uma exímia sofista, de habilidades camaleônicas e que, para sua performance de leoa política, senta no trono, se apropria do porrete e veste a pele de leão de seu influente parceiro. Deslocado – em giro performático – o vitupério dos comediógrafos pode se tornar um refinado elogio à potência política de Aspásia.

Curioso que para o misógino espírito representado na comédia ática parece ser mais fácil ver em Aspásia uma tirana bárbara infiltrada como estrangeira culta na democracia ateniense do que imaginar uma mulher participando do jogo político democraticamente. Alguns problemas decorrem deste ponto: por exemplo, qual o lugar da mulher grega diante das distinções políticas daquela época como (no nível interestatal) bárbaro-grego, escravidão-liberdade e tirania-democracia ou (no nível intraestatal) *oikos-pólis* e *idion-koinón*³⁴? Omphale, ao vestir a pele de leão, sentar no trono e se apropriar do porrete, submete Héacles à escravidão e ao trabalho doméstico forçado. Omphale por ser uma tirana é livre, Héacles, como escravizado, não possui mais sua liberdade. Despido de sua habitual pele de leão e confinado aos trajes que marcam a posição feminina, Héacles experimenta a clausura do lar e a violência desapropriatória, até a violência sexual³⁵, geralmente imposta aos corpos femininos.

³³ Cratino parece ser o primeiro a associar Aspásia ao poder tirânico (CRATINUS. 259 K-A, 1983, p.254) na comédia: *Seguidores de Quíron*. A caracterização de Aspásia enquanto *Omphaletyrannon* aparece em Eupolis (294 K-A, 1986, p.470) na peça *Amigos*. Também em Eupolis, cabe mencionar a comparação de Aspásia com Helena na peça *Prospaltians* (267 K-A, p.452, 1986) e em *Demes* a chamou de prostituta (110 K-A, 1986, p.360). Henry sintetiza assim as aparições de Aspásia nas diversas fases da comédia de Eupolis: “Aspasia is mentioned in his first play, the wartime *Prospaltians*, as ‘Helen.’ But all that can be said of this is that Helen and Aspasia were both accused of sexual impropriety and were alleged to have started wars. The plot of the *Philoí*, [...] is also obscure, nor can the one fragment, in which Aspasia is called Omphale tyrannon or *Omphaletyrannon*, be integrated with the rest of the play. [...] In the earlier *Prospaltians* and *Philoí*, Eupolis had referred to her in mythological travesty and also made references to her sexual allure; he identified her as the mother of a bastard in his mid-career play, *Marikas*, and called her an outright whore in a play from his later years, *Demes*, which last reference is the final certain one to her in Old Comedy.” (HENRY, 1995, p.22-4)

³⁴ “Na medida em que o engloba no seu cosmo político, o Estado dá ao homem, ao lado da vida privada, uma espécie de segunda existência, o βίος πολιτικός. Todos pertencem a duas ordens de existência, e na vida do cidadão há uma distinção rigorosa entre o que lhe é próprio (ίδιον) e o que é comum (κοινόν). O homem não é só ‘idiota’; é ‘político’ também. Precisa ter, ao lado da habilidade profissional, uma virtude cívica genérica, a πολιτική ἀρετή, pela qual se põe em relações de cooperação e inteligência com os outros, no espaço vital da pólis.” (JAEGER, 2013, p.144)

³⁵ “The myths take insistent delight in putting Herakles at the service of women, or at least at the service of a female will. One thinks first of Hera, of course, but there is Omphale as well—all the texts agree in making him her slave, though they differ on the question of whether or not his servitude is erotic (which comes down to assigning to the hero of marriage the role of bride). Let us stop for a moment at this image of Herakles, slave of women, placed under the yoke of tyrannical female power...” (LORAUX, 1990, p.26)

Colocando tais questões, é evidente que não pretendo realizar aqui um elogio misândrico à tirania política de Omphale. Desejo apenas chamar atenção para estas mulheres potentes politicamente, que também foram representadas pela mitologia grega, sendo parte constituinte do imaginário helênico. Ainda sobre o transvestismo, vale mencionar a festa *Hybrisca* que ocorria em Argos. Segundo Plutarco,³⁶ esse festival era realizado em homenagem aos feitos da poeta Telesilla e das outras corajosas guerreiras argivas que utilizaram a arquitetura da cidade e impediram sua invasão pelo exército espartano liderado por Cleômenes. Todo ano, homens e mulheres de Argos celebravam tal feito invertendo suas roupas, adereços e ocupações, criando fissuras, ainda que temporárias, nas engessadas identidades binárias tradicionalmente impostas numa sociedade. Tendo em mente o festival *Hybrisca* como uma prática de memória que se efetua celebrando um ato de transvestimento coletivo, voltemos às peles de leão.

A mítica de Omphale e a pele política que Aspásia efetivamente vestiu. O que essa comparação salienta a respeito do poder de Aspásia além de sua habilidade camaleônica em performar uma masculinidade viril? Se em exercício sofisticado transformarmos o vitupério em encômio³⁷, subvertendo a difamação da comédia em elogio, até a língua maledicente dos comediógrafos pode tornar-se fonte que noticia a potência política aspásiana. Plasmar as performances de Aspásia como num jogo de espelhos entre estas mulheres perigosas. Neste sentido, arrisco ampliar as comparações e associá-la a outras mulheres da Antiguidade que não foram tradicionalmente ligadas à memória da pensadora milésia, mas estas também aterrorizaram o conservador imaginário ateniense.³⁸ Além da já mencionada Telesilla, argiva que guerreou no séc. VI

³⁶ “De las hazañas realizadas por mujeres en común ninguna es más famosa que la batalla contra Cleómenes por Argos, que llevaron a cabo por instigación de la poetisa Telesila. [...] fue admirada por las mujeres a causa de su arte poética. Pero, cuando Cleómenes, el rey de los espartanos, después de haber matado a muchos argivos, se dirigió a la ciudad, un impulso y audacia demoníaca se apoderó de las mujeres jóvenes para rechazar a los enemigos en defensa de su patria. Bajo la dirección de Telesila tomaron las armas y, colocándose en círculo junto a la almena, rodearon las murallas, de modo que sorprendieron a los enemigos. A Cleómenes, en efecto, lo rechazaron tras haber caído muchos. [...] Y, así, la ciudad sobrevivió. A las mujeres caídas en la batalla las enterraron en la Vía Argiva, y a las que se salvaron les concedieron erigir una estatua de Ares con o recuerdo de su valor. Algunos dicen que la batalla tuvo lugar en [...] el primer día del mes en el que hasta ahora celebran las fiestas de la Insolencia. En ellas visten a las mujeres con túnicas y clámides de varones y a los hombres con peplos y velos de mujeres.” (PLUTARCO. *Obras morales y de costumbres [Moralia]III*. 245 C-F, 1985, p.272-3)

³⁷ “Dizem que Górgias fez o mesmo quando compôs encômios e vitupérios de cada assunto, já que ele julgava próprio do orador ser capaz de ampliar uma causa pelo louvor e, logo a seguir, destruí-la pelo vitupério.” (CICERO. *Bruto*, 12, 47 = 82 A 25 DK, 2006, p.1609)

³⁸ Não são tradicionalmente associadas, embora algumas das comparações feitas aqui apareçam em pensadoras contemporâneas. Por exemplo, a comparação com Artemísia no artigo de Loraux sobre Aspásia: “Toutefois, c’est à une autre reine d’Asie que j’aimeais, fût-ce sur le mode de l’hypothèse, comparer Aspásie. Il s’agit de la très historique (et pourtant, vers 450, déjà «mythique») Artémise

a.C. contra o exército espartano, podemos mencionar as rainhas viúvas³⁹ Tômiris e Artemísia, exímias guerreiras e estrategistas retratadas por Heródoto.

Duas cenas impactantes: Tômiris afogando a cabeça de Ciro⁴⁰ num jarro de sangue e os estratagemas náuticos de Artemísia de Cária na batalha de Salamina. Tal contágio do poder feminino no campo da política ocorreu como jogo de sedução, persuasão e condução de poderosos, como oratória sofisticada enfeitando os espaços democráticos e também como aptidão para liderança de exércitos em batalhas decisivas como foi a de Salamina. Atentar para o poder político que Aspásia adquiriu como parceira de Péricles e por meio de sua educação sofisticada ajuda a herdar imagens de mulheres na Antiguidade muito mais amplas e multifacetadas do que aquele tradicional mosaico moldado a partir da perspectiva ateniense do que seria a mulher ideal, confinada ao lar e às “funções femininas”⁴¹, perspectiva que cunhou uma noção atrofiada das mulheres gregas, condenadas a serem todas “mulheres de Atenas”.⁴² Ao

d’Halicarnasse, dont Hérodote, né dans la même cité et amateur de prouesses, dresse un portrait où l’admiration domine. Fille de Lygdamis le tyran et d’une princesse crétoise, Artémise, à la mort de son époux, exerce seule la tyrannie, comme Thargelia.” (LORAUX, 2001, p.7)

³⁹ “Através da sua ação num espaço exterior – no campo de batalha – Tômiris e Artemísia, rainhas viúvas, ocupam um lugar nodal na definição do rumo dos acontecimentos. Os seus desempenhos levam-nos a classificá-las essencialmente como conselheiras in extremis pois os seus avisos, revestidos de clarividência trágica, profetizam um futuro desastroso a Ciro e a Xerxes.” (AMARAL, 1994, p.19)

⁴⁰ “Os Masságetas atacaram com um terço das suas forças o contingente persa deixado para trás e venceram-no facilmente. Após a vitória e vendo o banquete preparado, entregaram-se aos prazeres da civilização persa até estarem saciados e adormecerem . É aqui que os Persas massacraram um grande número de Masságetas e fazem reféns, entre os quais Espargápises, filho da rainha Tômiris. Ao tomar conhecimento destes factos, a soberana enviou uma mensagem a Ciro, instando-o a libertar o filho, vítima de um combate desonesto e da perfídia persa, o dolo do vinho, e a partir do seu território, sem qualquer punição, mesmo depois de um acidente tão humilhante. Para Tômiris, Ciro é um homem sedento do sacrifício de vidas humanas e como tal o único epíteto que se lhe ajusta é o de ‘ávido de sangue’ (I. 212). Tômiris promete que, se ele não recuar, o saciará de sangue (fazendo-lhe lembrar a sua bebida preferida)!” (AMARAL, 1994, p.26-7)

⁴¹ “La visión idealizada sobre la mujer ateniense la hace una mujer entregada a las tareas del οἶκος y con poca presencia en la vida pública de la *polis*. Sabemos que este ideal no correspondía totalmente a la realidad y, aunque las mujeres atenienses sí que parecen haber reducido sus actividades al entorno del οἶκος en mayor medida que mujeres de otras *poleis* o regiones griegas, había mujeres en Atenas que realizaban actividades fuera del οἶκος, ejerciendo trabajos remunerados.” (ROSELL, 2013, p.330)

⁴² E ainda, nem mesmo mulheres atenienses correspondiam ao milenar estigma das “mulheres de Atenas” (obedientes, caladas e inativas politicamente): “As mulheres transitavam entre as duas cidades: aquela dos ‘incluídos’, dos cidadãos e suas famílias, e a dos outros, aqueles que habitavam um lugar conhecido como Atenas ou um território como a Ática, sem, no entanto, se ligarem a ele pelos laços exclusivistas da cidadania. Esta pólis das mulheres não corresponde, definitivamente, ao modelo de cidade ou de Estado, que os historiadores ainda não deixaram de reproduzir desde há muito. E essas mulheres, as descendentes de Pandora que habitam entre os homens mortais nos campos e nas cidades gregas, não se encaixam no modelo da boa mulher grega, aquela do silêncio, do recato, da reclusão doméstica, que nós nos acostumamos a apontar e dizer ‘mirem-se nelas, as mulheres de Atenas’.” (ANDRADE, 2001a, p.5)

herdar uma versão demasiadamente ateniense da multiplicidade multiforme do mundo helênico, herda-se também uma noção reduzida da mulher grega.⁴³

As mulheres “livres” na democracia ateniense (ou seja, que não eram escravas) eram esposas ou não-esposas (repudiadas, concubinas, *hetairai*, prostitutas).⁴⁴ As que não eram esposas, eram sempre mulheres-outras⁴⁵, drasticamente discriminadas no cenário sociocultural ateniense. Tal contexto explica o fato de que a maior parte das mulheres que são lembradas por suas irrupções no campo intelectual e político são também lembradas com heterodoxia nos assuntos amorosos.⁴⁶ Seja como concubinas conduzindo poderosos – como são marcadas as imagens de Aspásia e Targélia⁴⁷ – seja como amantes do poder e da guerra, como Artemísia e Rodogine⁴⁸, vistas como impassíveis à influência de outros amores ou indiferentes a outras forças eróticas. Ao menos para o imaginário ateniense, essas mulheres são figuras que rompem com o corpo fechado e a vida reclusa a que estavam restritas as esposas, que eram admiradas moralmente apenas enquanto permanecessem belas, recatadas e do lar. Aspásia é uma figura exemplar deste romper com o enclausuramento feminino.⁴⁹

⁴³ “El mundo femenino en la Grecia Antigua no era uniforme sino todo lo contrario: complejo y con muchas realidades distintas dependiendo de la época, el lugar, el entorno social. Esta premisa es la que guía los estudios sobre mujeres en la antigüedad en los últimos años.” (ROSELL, 2013, p.319)

⁴⁴ “Although women in earlier periods of Greek history and in other locations in Greece had a larger scope of cultural activity if not political power, one of the ironies of the history of the West lies in the particular suppression of women that went along with its first democracy;” (JARRATT & ONG, 1995, p.13); Ana Lúcia Curado, na Introdução de *Contra Neera*, observa que é apenas em contraste com as outras mulheres atenienses que podemos atribuir à figura da *hetaira* uma certa liberdade: “A liberdade auferida pelas heteras, prostitutas e concubinas era limitada. Quando se fala de liberdade para estas mulheres, fala-se com o propósito de as comparar às esposas legítimas, jovens e mães de família que viviam circunscritas ao lar e às tarefas inerentes à vida de uma família. As heteras, prostitutas e concubinas eram concebidas pelo homem como contributo e parte integrante da sua vida social...” (CURADO. In: APOLODORO. [Demóstenes]. 2013, p.15)

⁴⁵ “Mesmo que se tenha dito que as mulheres cidadãs, em Atenas, eram enquadradas segundo certos modelos de conduta, os quais podiam ser aceitos ou transgredidos na prática social, é verdade que havia um outro ‘modelo’, não de boa esposa mas de mulher ‘feminina’, amada, desejada, mas sobretudo temida: porque a sedução feminina tira do homem a sua previdência, sua atenção, seu esforço. [...] Esse outro modelo do feminino, o do desejo e do temor, da atração e da suspeita, é muito frequentemente esquecido nos estudos sobre a mulher na Grécia” (ANDRADE, 2001a, p.6)

⁴⁶ Loraux lembra que Aspásia, mulher livre, em tudo escandalizou, a começar pelo amor de Péricles: “Or, dans sa vie d’intellectuelle parmi des intellectuels et de femme libre entourée d’hommes, tout scandalisait, à commencer par l’amour que Périclès lui portait avec constance.” (LORAUX, 2001, p.12)

⁴⁷ À respeito da comparação entre as duas concubinas milésias proposta no diálogo *Aspásia* de Ésquines, Kahn observa que: “The example of Thargelia prepares us for the transition to Aspasia, another Milesian concubine turned queen: she rules Pericles and Pericles rules Athens.” (KAHN, 1996, p.25)

⁴⁸ “Rodogine hace una libación por su victoria sobre los armenios y la figura es propia de quien hace una plegaria. Ruega para dominar a los hombres, como lo ha hecho ahora, porque no me parece que ame ser amada.” (FILOSTRATO. *Imágenes*, II.5. SSR, VI.A.63 In: MÁRSICO, 2014, p.398)

⁴⁹ “For the past 2500 years in Western culture, the ideal woman has been disciplined by cultural codes that require a closed mouth (silence), a closed body (chastity), and an enclosed life (domestic confinement). [...] As a free woman brought up in the transitional society of Asia Minor, Aspasia was freed from the rigidity of traditional marriage and from the identity that arose from that fixed role. And upon emigrating

Sua subversão de leoa tornou-se poder político, uma sofista que além de educadora oratória-erótica, foi concubina, alcoviteira e cafetina, interferindo em decisões de guerras e outras questões primariamente políticas. Embora nunca tenham sido convidadas a participar com os cidadãos da festa democrática, mulheres como Aspásia invadiram e reivindicaram espaços de exercício político, pedagógico, filosófico e artístico.⁵⁰ Feito penetras indesejadas, elas forçaram regimes políticos a paulatinas mudanças. As mulheres são não só a base sólida de toda *oikonomia*, esferas privadas da política, mas também agem nas esferas públicas⁵¹, transformando a aparente dicotomia privado-público e fazendo as relações políticas constantemente serem repensadas, remodeladas, reconstruídas.⁵² Mesmo quando ainda lhes era negada a cidadania e ainda que ao custo de manter uma respeitável “reputação”.⁵³

Como outras notáveis figuras femininas em Atenas, é oportuno mencionar as filósofas vinculadas a Academia: Laostênia de Mantinea (IV a.C.) e Axiothéa de Fliús (IV a.C.).⁵⁴ Também cabe lembrar Hipárquia de Maroneia (IV-III a. C.), vinculada à escola cínica, que vivia em cão-samento (*kunómia*) com Crates de Tebas (IV-III a. C.).

from Miletus, Aspasia emerged in Athens linked with the great statesman Pericles [...] Thus this non-Athenian, or ‘strangerwoman’, was subject to Athenian law but did not have citizen rights. Nor was she accountable to the severe strictures of aristocratic Athenian women, whose activity, movement, education, marriage, and rights as citizens and property-holders were extremely circumscribed by male relatives. Aspasia could ignore-even rupture-the traditional enclosure of the female body.” (GLENN, 1994, p.180-182); “Aspásia, isto é fato, foi uma estrangeira em Atenas, e lá venceu os limites da mulher grega: conseguiu o extraordinário [...]. Ela se pôs na contramão da vida cotidiana da mulher ‘livre’ ateniense que se restringia aos recintos da *oikia*: longe da afluência e dos olhares da rua. Era, todavia, a casa, e não a vestimenta que ocultava ou escondia a mulher grega. Outras culturas até facilitavam o trânsito público da mulher, porém muito bem escondida sob robustas vestimentas. Aspásia, uma jovem solteira (sem *kyrios*), estrangeira, e, portanto, já numa condição cívica distinta da mulher grega cotidiana, não conseguiu vencer a exclusão moral, mas a xenofobia do homem ateniense em nada afetou o seu espírito livre, e tampouco acanhou os dotes de sua inteligência.” (SPINELLI, 2017, p.261)

⁵⁰ “Denied the telos of perfect maleness, Athenian women were denied a passport into the male intellectual battleground of politics, philosophy, rhetoric. But Aspasia had approached the border-and trespassed into masculine territory.” (GLENN, 1994, p.193)

⁵¹ “A centralidade da polis na historiografia européia corresponde à marginalidade de temas como o das práticas cívicas femininas, ou da vida pública das mulheres. A linearidade, a cadência das causas e efeitos de uma narrativa exclui a possibilidade da outra; [...] A atividade religiosa pública das mulheres não era uma exceção; fazia parte da lógica da polis como instituição. Se do ponto de vista dos tribunais o assunto - mulheres - pertencia a gerência dos homens na vida das famílias, isto nem sempre significava que as ações, decisões tomadas por mulheres não afetavam a polis como instituição. [...] Em uma palavra, seria preciso abandonar a imagem de uma polis predominante para encontrar uma cidade de habitantes que, mesmo sem direitos políticos, não deixavam, por isso, de costurar a possibilidade da própria comunidade política; não deixavam de constituí-la de algum modo” (ANDRADE, 2001b, p.9-12)

⁵² É preciso ter: “Atenção, portanto, ao que de político poderia estar implicado [...] na separação das esferas pública e privada...” (ANDRADE, 2001b, p.2)

⁵³ “She [Aspásia] seems to have profited by her excursion into the male domain of politics and intellect, even at the expense of her respectability, reputation, and authority.” (GLENN, 1994, p.193)

⁵⁴ Elencando os discípulos de Platão, Diógenes Laértios menciona a presença de “[...] duas mulheres - Laostênia de Mantinea e Axiothéa de Fliús (segundo o testemunho de Dicáiarcos a última vestia roupas masculinas).” (LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres, Livro III*, 46, 2008, p.96)

Hipárquia é a única filósofa que tem uma entrada só para si em *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, sendo, então, a mulher que tem maior reconhecimento na obra de Diógenes. Hipárquia, vivendo em comunidade com seu parceiro, copulando nas ruas e discutindo nos banquetes, é uma dessas intempestivas mulheres gregas que subverteu a separação público-privado.⁵⁵ Também Aspásia e seu círculo, como busquei mostrar, dissolveram as aparentes fronteiras público-privado ao proporcionarem discussões políticas, econômicas, matrimoniais e filosóficas num mesmo local, quando no mesmo lugar em que esposas são educadas são tomadas decisões de guerra.⁵⁶

Independentemente se foi participando das guerras e/ou dos banquetes, abrindo escolas e/ou bordéis, o que importa no elogio às leões políticas é exaltar sua força revolucionária que selvagemmente irrompe em ação. Com efeito, a própria presença das mulheres nos locais públicos de debates políticos, tradicionalmente excludentes, movimentava as engessadas estruturas patriarcais de poder, abrindo a possibilidade de construir coletivamente uma outra democracia.⁵⁷ Não só a origem da democracia foi num ambiente misógino e patriarcal que era a sociedade ateniense, de extrema violência para com as mulheres (fossem esposas, concubinas, *hetairai* ou prostitutas, elas não desfrutavam de verdadeira cidadania ateniense), como ainda hoje os regimes democráticos permanecem herdeiros desta gênese misógina e iníqua. Busquei enfatizar neste escrito as contaminações radicais, infiltrações selvagens do poder feminino redirecionando as estratégias políticas e sendo imprescindíveis, por exemplo, na irrupção e no desfecho de importantíssimas guerras, existem desde a Antiguidade.

⁵⁵ “Hipárquia se apaixonou pelas teorias e pela maneira de viver de Crates, não dando atenção a qualquer de seus pretendentes, nem à riqueza ou beleza dos mesmos; para ela Crates era tudo. Hipárquia chegou a ameaçar seus pais, dizendo que se mataria e não lhe fosse dada. Os pais dela suplicaram então a Crates que a dissuadisse de seus propósitos, e este recorreu a todos os expedientes; finalmente, vendo que não era bem-sucedido, levantou-se e tirou diante dela toda a sua roupa, dizendo: 'Eis o futuro esposo, e aqui estão os seus bens; decide, portanto, pois não poderás ser minha parceira se não te adaptares ao meu modo de viver.' A moça escolheu e, adotando as mesmas roupas passou a andar com seu marido, unindo-se com ele em público e indo juntos a jantares. (LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, Livro VI, 96-7, 2008, p.177)

⁵⁶ “Quanto à guerra contra Samos, acusam Péricles de a ter decretado sobretudo por causa de Mileto, a pedido de Aspásia. As duas cidades estavam em guerra por causa de Priene e os Sâmios, que levavam vantagem, não obedeceram quando os Atenienses mandaram terminar o combate e deixar a resolução do litígio a seu cargo. Péricles fez-se ao mar e derrubou a oligarquia que existia em Samos.” (PLUTARCO. *Vidas Paralelas: Péricles e Fábio Máximo*, 25.1-2, 2010)

⁵⁷ “Novas subjetividades entram na arena pública exigindo mais do que representação. Bem mais. Querem tornar visíveis suas trajetórias, seus corpos e suas marcas, silenciadas por tantos séculos. A intrusão desses elementos fissa os alicerces do espaço público e desestabiliza o próprio lugar do poder da representação, [...]. Jovens Negras Movendo as Estruturas era o título do evento em que estava Marielle Franco antes de ser executada.” (ROQUE, 2018, p.4-5)

Quantas leas políticas precisam insurgir rugindo em ruínas a miséria política da democracia para notarmos o que nela há de tirania? Para notarmos o que nela há de escravidão sendo chamada de liberdade, o quê nela há de iniquidade sob a égide de uma pretensa igualdade? Como um elogio final às leas políticas, e por evidente questão de transferência, desejo homenagear a força de ação e coragem revolucionária da vereadora Marielle Franco que foi brutalmente assassinada no dia quatorze de março de 2018. Dias antes, no dia oito de março, Marielle fez seu último pronunciamento na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Analisemos alguns acontecimentos deste seu último pronunciamento. Após falar um pouco mais de cinco minutos, um vereador a interrompe para entregar uma rosa pelo Dia Internacional das Mulheres. Marielle fica nitidamente incomodada com a interrupção e diz que as rosas da revolução nascem do asfalto. Minutos depois, no início do sétimo minuto do pronunciamento, no momento em que ela fala das estatísticas que apontam para treze estupros por dia no estado do Rio, um cidadão interrompe gritando: “Viva Ustra!”

É quando Marielle, feito a leoa política que era, começa a rugir no plenário dizendo: “Não serei interrompida! Não aturo intermopimento dos vereadores desta casa e não aturarei de um cidadão que vem aqui e não sabe ouvir a posição de uma mulher eleita, presidente da Comissão da Mulher desta casa!”.⁵⁸ Durante este último pronunciamento, Marielle menciona outras leas políticas, como Rosa de Luxemburgo, Audre Lorde e a carioca Chiquinha Gonzaga; A vereadora sublinha a importância de estar ali, realizando este pronunciamento e ocupando a tribuna democraticamente, enquanto espaço legítimo. Por fim, Marielle homenageia as mulheres que constroem com ela o mandato e as outras mulheres ali presentes, frisando a relevância de seguirmos fazendo políticas com afeto.⁵⁹ Há mais de cinco anos a pergunta “Quem mandou matar Marielle?” permanece sem resposta. Fato é que, se historicamente o

⁵⁸ (FRANCO, 2018). Disponível em: [Último pronunciamento de Marielle Franco - Sessão Plenária 08/03/2018](#)

⁵⁹ “O erótico é o momento em que tudo aquilo que estava relegado ao plano do íntimo, do privado, da interioridade ou do subjetivo - afeto, delicadeza, cuidado, histeria ou sofrimento - adentra a arena pública. O erotismo na política pode ser entendido como uma recusa em relegar à vida privada toda essa esfera do incontornável e do irresistível que diz respeito aos **afetos**. É como amamentar em público. A coisa vem, brota. Não dá para controlar. ‘Elas estão descontroladas’. Sim, estamos. [...] Os modos de existência são políticos e a grande política não vai mudar sem incorporar as questões mais íntimas da vida, de que os homens nunca trataram porque suas mulheres o faziam! Romper as fronteiras entre o privado e o público, trazer a vida pessoal para a prática política, deixar transparecer o terreno dos afetos em toda sua exuberância são efeitos eróticos da presença das mulheres na política” (ROQUE, 2018, p.14-6)

espaço da mulher na democracia é um não-lugar, ocupar democraticamente estes espaços é sempre um risco. Não ocupá-los é arriscado também.

Marielle, leoa potente, de rugido alto, incomodou demais abalando as estruturas. As violentas tentativas de destruir as homenagens⁶⁰ em sua memória provam que este incômodo permanece vivo, que o ódio facínora, não satisfeito em acabar com a vida de Marielle, buscará continuamente destruir sua reputação, apagar seu legado revolucionário. Mas quem conspirou para enterrar Marielle, buscando aniquilar sua potência de leoa política, nunca imaginou sua força de semente. Marielle presente! Marielle é semente e ao mesmo tempo a força descomunal da mudança que brota e faz germinar revoluções. E Marielle já é, prematuramente, neste tempo sem-tempo que é o nosso, uma jovem fantasma. Como a fantasma Aspásia de Mileto, Marielle é força política a assombrar e transformar com sua luta e seu legado regimes políticos no mundo todo. Concluo este elogio às leas políticas rememorando algumas das reflexões trazidas por Marielle em seu último pronunciamento, no dia oito de março de 2018:

À todas nós, neste dia 08 de março, ocupando apenas uma das sete cadeiras daqui do parlamento municipal, a gente precisa sempre se perguntar: o que é ser mulher? O que cada uma de nós já deixamos de fazer ou fizemos com algum nível de dificuldade pelo fato de ser mulher? A pergunta não é retórica, é objetiva. E tem um cunho da gente refletir no dia-a-dia, no passo-a-passo de todas as mulheres. No conjunto da maioria da população, como a gente fala, mas que infelizmente é sub-representado. [...] A luta por vida digna, a luta pelo direito humano, a luta pelo direito à vida das mulheres, precisa ser lembrada e não é de hoje, é de séculos.⁶¹

ANEXOS



FONTE: *Mosaico de los trabajos de Hércules* (Cultura Romana). Criado entre 201 - 300. Número de inventário: 38315BIS. Coleção estável do Museo Arqueológico Nacional. Disponível em: <File:Museo Arqueológico Nacional - 38315BIS - Mosaico de los trabajos de Hércules 01.jpg>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMSON, P. Why is Aspasia a Woman? Reflections on Plato's Menexenus. In *Natur-Geschlecht-Politik*. Wilhelm Fink, p. 69-79. 2020.
- AGNOLON, A. Filênis, de belle de jour à alcoviteira: matéria erótica na Antologia Grega. *Classica-Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 26, n. 1, p. 51-66, 2013.
- AMARAL, A. L. A. “Duas rainhas em Heródoto: Tómiris e Artemísia”. *Humanitas*, v. 46, p. 17-42, 1994.
- ANDRADE, M. M. Aspásia de Mileto. *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, V. 7, N. 3, p. 24- 31, 2022.
- ANDRADE, M. M. Aspásia. O amor e a palavra. In Marcelo Rede (org.). *Vidas Antigas: ensaios biográficos da Antiguidade*. São Paulo: Intermeios, p. 35-50, 2019.
- ANDRADE, M. M. *A CIDADE DAS MULHERES: Cidadania e Alteridade Feminina*. Rio de Janeiro: LHIA, 2001a.
- ANDRADE, M. M. O Feminismo e a Questão do Espaço Político das Mulheres na Atenas Clássica. *Revista ANPUH, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, São Paulo, julho de 2001b.
- APOLODORO. [Demóstenes]. 59. *Contra Neera*. Trad. G. Onelley e A. L. Curado. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- ARAÚJO, F. M; XIMENES, R. Aspásia: o amor como armadura de Atenas. In *Páginas de Filosofia*, v. 9, n. 2, p. 19-34, 2020.
- ATENEU. *Banquete de los eruditos. Libros XI-XIII*. Trad. e notas de L. R-N. Guillén. Madrid: Gredos, 2014.
- BERQUÓ, T. A. Aspásia de Mileto: Mulher e Filosofia na Atenas Clássica I; Diótima de Manteneia: Mulher e Filosofia na Atenas Clássica II. In PACHECO, J. (Org.). *Filósofas: a presença das mulheres na filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.
- BERQUÓ, T. A. Antologia Grega de Thirzá Berquó. In ANTUNES, C.L.B; BARACAT, J.C; BRUNHARA, R. (Orgs.) *Flores da Antologia Grega. Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 44, jan./jul. p.106-110, 2019.
- BOWDER, D. *Quem foi quem na Grécia Antiga*. Trad. M.R.A. Marcondes. São Paulo: Art Editora, 1982.
- CARLSON, A. C. “Aspasia of Miletus: How one woman disappeared from the history of rhetoric”. *Women's Studies in Communication*, v. 17, n. 1, p. 26-44, 1994.

- CASSIN, B. *Jacques, o Sofista: Lacan, lógos e psicanálise*. Trad. Y. Vilela. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- CASTRO, C. S. Aspásia de Mileto. *Circe de clásicos y modernos*, v. 19, n. 2, p. 19-32, 2018.
- CATALDI, S. Aspasia donna sophè kai politiké. *Historiká* 1, p. 11-66, 2011.
- CÂNDIDO, M. R. Atenas e a materialidade do ofício de aprendiz de feiticeiro. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n. 9, p. 16-25, 2017.
- COELHO, M. C. M. Banhos de sangue femininos – reflexões sobre um tópos. In BORGES, M de L.; TIBURI, M. (Orgs.) *Filosofia: machismos e feminismos*. Editora UFSC, 2014.
- DIELS, H. & KRANZ, W. (DK) *I pressocratici*. Trad. G. Reale. Milano: Bompiani, 2006.
- DUESO, J. S. Aspasia de Mileto: la metáfora y el personaje. In *El Eco de las voces sinfónicas: escritura y feminismo*. Prensas Universitarias de Zaragoza, p.287-300, 2008.
- DUESO, J. S. *Aspasia de Mileto: Testemonios y discursos*. Barcelona: Anthropos, 1994.
- FERRÁNDIZ, T. M. M. Aspasia de Mileto. *Revista de Claseshistoria*, n. 2, p. 2, 2011.
- FRANCO, M. [Canal de Roberto Senna.] Último pronunciamento de Marielle Franco - Sessão Plenária 08/03/2018. Youtube, 14/03/2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SIHtY1FiqYo>. Acesso em: 27/08/2021
- GIOMBINI, S. Aspasia di Mileto e la retorica di V secolo. *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia*, Università degli Studi di Perugia, v. 4, 2003.
- GLENN, C. Sex, lies, and manuscript: Refiguring Aspasia in the history of rhetoric. *College Composition and Communication*, v. 45, n. 2, p. 180-199, 1994.
- HENRY, M. M. *Prisoner of history: Aspasia of Miletus and her biographical tradition*. Oxford University Press on Demand, 1995.
- JAEGER, W. *Paidéia – a formação do Homem Grego*. Trad., A. M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- JARRATT, S & ONG, R. Aspasia: Rhetoric, Gender, and Colonial Ideology. In LUNSFORD, A. A. (dd). *Reclaiming rhetorica: Women in the rhetorical tradition*. University of Pittsburgh Press, p. 9-24, 1995.
- KAHN, C. H. Aeschines on Socratic eros. In VANDER WAERDT, P.A. (ed.), *The Socratic Movement*. Cornell University Press, p. 87-106, 1994.
- KAHN, C. H. *Plato and the Socratic dialogue: The Philosophical Use of a Literary Form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- KASSEL, R & AUSTIN, C. (K-A) *Poetae comici Graeci*. Berolini; Novi Eboraci: de Gruyter. Vol. 4. Aristophon - Crobylus. 1983.
- LANDOR, W. S. *Pericles and Aspasia*. Roberts bros., 1871.
- LAËRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. M. G. Kury. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2008.
- LORAUX, N. Aspasia, l'étrangère, l'intellectuelle. *Éditions Belin*, No. 13, p. 17-42, 2001.
- LORAUX, N. Herakles: The Super-Male and the Feminine. In HALPERIN, D. M.; WINKLER, J. J.; ZEITLIN, F. I. (eds). *Before Sexuality: the Construction of Erotic Experience in the Anci*

- ent Greek World*. Princeton, Princeton University Press, p.21-52, 1990.
- LUCIANO DE SAMÓDATA. *Obra completa*. Trad. do grego, introdução e notas de C. Magueijo. Imprensa da Universidade de Coimbra, Volumes I-IX, 2012.
- MORI, V. ‘Contento abbraccio / Senno con libertà’. Note a margine del ‘processo’ ad Aspasia. *Working Papers - Centro di ricerca per l'estetica del diritto*. Pubblicato il 5 settembre 2016. Disponível em: www.cred.unirc.it/paper/Mori1
- MÁRSICO, C. *Socráticos, Testimonios y fragmentos. Vol. I e II*. Buenos Aires, Losada, 2014.
- MÁRSICO, C. Shock, Erotics, Plagiarism, and Fraud: Aspects of Aeschines of Sphettus’ Philosophy. In STAVRU, A.; MOORE, C. (eds.). *Socrates and the Socratic Dialogue*. Brill. p. 202-220, 2017.
- MEDEM, J. *Aspasia, amante de Atenas*. Espasa Narrativas, Espasa, 2012.
- MURILLO, R. M. K. El Menêxeno, Aspasia, Historia y Autenticidad. *Revista de la Universidad de Costa Rica*, 1971.
- PENTASSUGLIO, F. Paideutikos eros: Aspasia as an ‘alter Socrates’. *Revista Archai*, Brasília, n. 30, 2020.
- PISANO, C. Aspasia, maestro di retorica. *Mètis-Anthropologie des mondes grecs anciens*, p. 189-200, 2015.
- PLUTARCO. *Obras morales y de costumbres (Moralia) III*. Trad. LÓPEZ, J. G. López e C. M. Otal. Madrid: Editorial Gredos, 1985.
- PLUTARCO. *Vidas Paralelas–Péricles e Fábio Máximo*. Trad. A. M. G. Ferreira e Á. R. C. Rodrigues. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.
- ROQUE, T. *Erotismo e risco na política*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ROSELL, A. G. Mujeres extranjeras en los epitáfios atenienses. *Faventia Supplementa 2, Contacto de poblaciones y exntrajería en el mundo griego antiguo*, p. 319-337, 2013. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/record/113209>
- SALKEVER, S. G. Socrates’ Aspasian Oration: the Play of Philosophy and Politics in Plato’s Menexenus. *American Political Science Review* 87, 133-43, 1993
- SAPERE, A. Amor, política y retórica: Aspasia en la Vida de Pericles. *V Jornadas de Historia de las Mujeres y Problemática de Género: La experiencia del amor en el Mundo Antiguo*, 23 y 24 de Octubre de 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/download/49557313/SAPERE_2015_ASPASIA_EN_LA_VIDA_DE_PERICLES_JORNADAS_MORON.pdf
- SPINELLI, M. Duas mulheres de Atenas: Aspásia, a companheira de Péricles, e Xantipa, a de Sócrates. *Revista Hypnos*, n. 39, p. 258-287, 2017.
- WAITHE, M. E. (Editor) *A History of Women Philosophers: Ancient Women Philosophers vol. 1, 2 e 3*. Springer Science & Business Media, 1987-1991.